



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional**

**Sub-eixo: Trabalho profissional**

**CULTURA, COTIDIANO E PROCESSOS CRIATIVOS: ENTENDIMENTOS TEÓRICOS PARA PRÁTICAS DE ASSISTENTES SOCIAIS.**

**JULIANA ABRAMIDES DOS SANTOS<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Este trabalho visa apresentar as bases teóricas necessárias para analisar como os processos criativos e a cultura podem compor o trabalho dos assistentes sociais. Ao considerar as manifestações culturais e experiências criativas, o trabalho social pode abrir caminho para novas abordagens profissionais. Essa abordagem está alinhada com a visão do serviço social brasileiro de romper com posturas conservadoras e contribuir para a emancipação humana na sociedade.

**Palavras-Chave: Mediação, Cultura, Processos Criativos**

### **ABSTRACT**

This work aims to present the theoretical bases necessary to analyze how creative processes and culture influence the work of social workers. By considering cultural manifestations and creative experiences, social work can pave the way for new professional approaches. This approach is in line with the vision of Brazilian social work to break with conservative postures and contribute to human emancipation in society.

---

<sup>1</sup> Serviço Social do Comércio - São Paulo

**Key-Words: Mediation, Culture, Creative Process**

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objeto apresentar os traços teóricos fundantes para explorar os processos criativos e a cultura na mediação do trabalho profissional de assistentes sociais. O trabalho social ao lidar com as manifestações culturais e experiências criativas pode contribuir para novas formas de intervenção profissional. Esta perspectiva encontra-se ancorada ao projeto profissional do serviço social brasileiro de ruptura com o conservadorismo articulado ao projeto societário de emancipação humana.

A cultura como particularidade no desenvolvimento do trabalho profissional junto aos sujeitos sociais da classe trabalhadora parte de suas condições de vida, moradia e trabalho na dimensão simbólica, de identidade, práticas culturais, dos saberes, das corporalidades, das contradições culturais expressas no cotidiano, incidindo nas ações políticas e coletivas, como forma de recuperação, manutenção, superação e transformação das práticas, saberes, cultivos, como objetivações humanas.

Os processos criativos podem ser viabilizadas na prática interventiva de estratégias, com os sujeitos históricos, que atendam às necessidades cotidianas em questões que afetam a vida social e a sociabilidade (cultura, trabalho, educação, juventude, gênero, raça etnia, sexualidade, geração, comunicação, saúde e violência) e possibilitem momentos de suspensão das ações repetitivas e alienantes presentes na vida cotidiana. Neste sentido realizamos o trato teórico das categorias cultura e cotidiano e do conceito de processos criativos.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1.Cultura**

Um pouco de aventura liberta a alma cativa do algoz cotidiano

Clarice Lispector

A cultura [kultur] está vinculada ao modo específico de produção da vida material de uma dada sociedade e época, portanto, a cultura juntamente com a categoria trabalho estão nas raízes do processo de constituição e desenvolvimento humano. É pelo trabalho que o ser se auto produz e satisfaz as necessidades de sobrevivência enquanto conservação da existência: alimentos, proteção, roupas, habitação, comida e bebida. Após satisfeitas as necessidades básicas, outras aparecem e a realização dessas novas necessidades constitui o primeiro ato

histórico.

Na relação entre ser humano e natureza, à medida que se apropria e domina a natureza pelo trabalho, o homem se afasta dela ao estabelecer os recuos das barreiras naturais. A criação do mundo humano difere totalmente da natureza, na medida em que são criadas sociabilidades e objetivações políticas, culturais e ideológicas.

Conforme Trotsky, cultura é tudo aquilo que foi criado, construído e conquistado pela humanidade, ao longo da história, em contraposição ao que lhe foi dado pela natureza, e que serve para aumentar conhecimento e capacidade para enfrentar e subjugar a natureza. A consciência da natureza é, primeiramente, consciência animal e a consciência da necessidade de relações com outros seres humanos é a consciência da vida social. A linguagem tão antiga como a consciência nasce da necessidade de intercâmbio com outros humanos, ou seja, a consciência plena é objetiva e subjetiva. Do ponto de vista histórico-antropológico, a civilização aparece com o surgimento da cultura, no momento em que agrupamentos humanos criam e transmitem formas de conhecimento, de valores e de representações.

Por outro lado, em Lukács, a cultura aparece de maneira oposta à civilização [*Zivilisation*], compreendendo o conjunto das objetivações dotadas de valor e supérfluos ao sustento imediato. “Por exemplo, a beleza interna de uma casa pertence ao conceito de cultura; não sua solidez, nem sua calefação, etc.” (LUKÁCS, 1978)<sup>2</sup>.

A cultura é tanto produto do gênero humano como é formadora, e pensar a formação social brasileira significa compreender os reflexos das manifestações da cultura na vida cotidiana. Em Marcuse (1982), há um conceito de cultura geral que expressa a implicação do espírito no processo da totalidade da vida social em determinado momento histórico, tendo em vista que, a reprodução de ideias (âmbito cultural e espiritual) e a reprodução material (a civilização) devem ser entendidas como unidade indissolúvel. A cultura é articulada às demais esferas da vida social, sendo decifrada nas tendências sociais gerais dos fenômenos. Marcuse em “Cultura y Sociedad” (1967) apresenta ainda o conceito de cultura afirmativa como aquela pertencente à época burguesa em que, ao longo de seu desenvolvimento, conduziu a separação do mundo espiritual, imputando-o como um reino independente, e por cima dos valores e da civilização. A sociabilidade burguesa afirma um mundo valioso, obrigatório para todos e eternamente superior, um mundo distinto do mundo concreto da luta cotidiana pela existência, mas que todo indivíduo pode realizar por si mesmo, sem modificar a situação real de

---

<sup>2</sup> Texto publicado originalmente na revista *Kommunismus* nº 43, em 1920

sobrevivência.

Segundo o autor, a burguesia, em sua pretensão de universalidade, precisa adotar estratégias para não mais excluir deliberadamente as classes trabalhadoras do acesso aos bens culturais – essa é uma decisão ideológica. A tese da universalidade na cultura não se vincula à melhoria efetiva das condições materiais de vida.

A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais consideradas sob forma de ideias, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação, também como seres produtores de ideias que regulam a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época; suas ideias são portanto as ideias dominantes de sua época (MARX; ENGELS, 2010, p. 47).

A reprodução de ideias, práticas e valores tornam-se parte do incentivo à aquisição das mercadorias, ao mesmo tempo, em que há o estímulo ao consumo reproduzem-se ideais e valores burgueses. As imagens publicitárias com incentivo a práticas e valores, como consumismo, individualismo, imediatismo e exibicionismo encontram-se no metrô, ônibus, banheiros, mensagens de celular, redes sociais, spams em e-mail, nas salas de cinema, nos rádios e no teatro.

Contraditoriamente, os traços da reprodução contemporânea estão presentes também na cultura dos povos originários, quilombolas e na classe trabalhadora, os quais estão subordinados à exploração, à dominação e à ideologia do capital. Esse é o processo de concreção das relações alienadas e estranhadas. Ao mesmo tempo, os diversos povos e pessoas que vivem em periferias e favelas apontam determinadas sabedorias, tradições e conquistas que não podem se perder. Heller diz que “um valor conquistado pode cair no nível do meramente possível” (HELLER, 2008, p. 24).

Culturas em vias de desaparecimento tornam-se praticamente incapazes de se reproduzir no bojo da sociabilidade capitalista, daí a importância do trabalho social e de assistentes sociais em ressaltar as potencialidades criativas e divulgar as expressões culturais das comunidades quilombolas e originárias.

É necessário desenvolver a cultura da vida, do modo de vida, da relação com a natureza e do trabalho, contribuindo para novas sociabilidades e atentar para a necessidade de transformação cultural na busca de emancipação humana. Nessa perspectiva, a preparação



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

cultural, base do terreno para a cultura da classe trabalhadora é fundamental para o poder intelectual organizado e em novas concepções de mundo articulados ao trabalho, à educação, à saúde e a todas as expressões do modo de vida, sendo elemento constitutivo da ideologia, da consciência e da luta contra a exploração e opressões do capitalismo.

Enfatizamos ser fundamental que o ser humano-genérico conheça os bens culturais produzidos pela humanidade e deles se aproprie. O ser humano é ser existente conscientemente para si mesmo e além de ser objetivo é um ser genérico. A objetividade genérica [Gattung] expressa a universalidade humana que se objetiva na realidade, em cada objetivação da vida genérica humana.

Os humanos não são apenas seres genéricos nem meramente seres singulares, mas há uma totalidade que envolve a *singularidade* – a tendência cotidiana da individualidade, dos desejos e das necessidades, a *universalidade* – sociabilidade e objetividade e a *particularidade* – mediação entre a singularidade e a universalidade. Essas categorias relacionam-se entre si objetivamente, convertendo-se uma em outra.

La particularidad no es meramente una generalidad relativa, ni tampoco sólo un camino que lleva de la singularidad a la generalidad (y viceversa), sino la mediación necesaria – producida por la esencia de la realidad objetiva e impuesta por ella al pensamiento – entre la singularidad y la generalidad (LUKÁCS, 1967, p. 202).

A elevação ao humano-genérico realiza-se na mediação da consciência, no movimento da singularidade em direção à universalidade e significa a sociabilidade humanizada no processo de vir-a ser para si e para o outro.

(...) o ente singular humano sempre atua segundo seus instintos e necessidades, socialmente formadas mas referidas ao seu Eu, e, a partir dessa perspectiva, percebe, interroga e dá respostas à realidade; mas, ao mesmo tempo, atua como membro do gênero humano e seus sentimentos e necessidades possuem caráter humano-genérico (HELLER, 2008, p.108).

Nada pode ser entendido isoladamente fora da realidade, uma vez que a produção social, a base material da vida é (i)mediatamente reprodução social. Assim, a categoria da mediação é uma alavanca para superar o mero imediatismo do mundo empírico. O imediatismo é a consequência de múltiplas mediações, sendo o mediato contido no imediato e o imediato no mediato. Imediaticidade e mediação são formas complementares de lidar com a objetividade da realidade relacionados entre si dialeticamente. O real “Aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida da intuição e da representação” (MARX, 1974, p. 200).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A arte é uma atividade sensível, assim como a filosofia e a religião; sendo sensível, é parte integrante do processo de formação humana, a separação da arte dos demais aspectos da vida social é resultante da sociedade de classes. “A transformação da arte em propriedade das classes privilegiadas. A evolução da arte, no fundo, seguirá o caminho de uma crescente fusão com a vida, isto é, com a produção, as festividades populares e a vida coletiva (TROTSKY, 2007a, p. 5)”.

A capacidade de se tornar um indivíduo autêntico, encontra-se em todos os entes humanos, mas de que maneira é possível avançar no desenvolvimento existencial e pleno de tal capacidade?

É evidente que, ao estudarmos o desenvolvimento histórico da individualidade, não devemos jamais partir do termo médio dos indivíduos de uma época. Temos de analisar a possibilidade máxima produzida pela época em questão para o desenvolvimento da individualidade. Essa possibilidade máxima pode ser descoberta nos chamados indivíduos representativos, que são sempre excepcionais no sentido de que realizam até o fim a possibilidade dada (TROTSKY, 2007b, p. 100).

## 2. Processos Criativos

Definir é matar, sugerir é criar  
Stéphane Mallarmé

Parte-se do pressuposto de que o ser humano é ser criativo e tem como necessidade realizar esse potencial se as circunstâncias da vida social e individual permitirem. Como experiência vital, criar intensifica o viver. Os processos de criação ocorrem no cotidiano, no trabalho, na ciência e na arte. Essa realidade criativa efetiva-se no campo da particularidade, na mediação do singular com o universal, o que requer a superação do imediato no mediato. Criar não é algo privilegiado do campo artístico, mas uma necessidade vital de concretizar um dos potenciais humanos.

Embora exista no ato criador uma descarga emocional, ela representa um momento de libertação de energias – necessário (...) Mais fundamental e gratificante, sobretudo para o indivíduo que está criando, é o sentimento concomitante de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se libera no ato de criar. Menos a potência descarregada, do que a potência renovada (OSTROWER, 1977, p. 28).

Os valores culturais presentes em cada época estimulam ou retardam a criatividade humana. Admite-se que a sociedade massificada, racionalista, logicista, pragmática, individualista e repressiva tende a reduzir, ou até mesmo, aniquilar essas potencialidades.

A práxis pode produzir objetivações que se apresentam aos homens não como obras suas, como sua criação, mas, ao contrário, como algo em que eles não se reconhecem, como algo que lhes é estranho e opressivo (...) entre os homens e suas obras, a relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida – a criatura passa a dominar o criador (NETTO; BRAZ, 2006, p. 26).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

No processo de desenvolvimento humano, no plano da prévia ideação e da teleologia, o ser humano formula questões e necessidades a serem supridas e, em todo esse processo, ele cria. A percepção consciente, plena de intencionalidade, vincula-se ao ato de criar movida por necessidades concretas sempre novas. Criar é estar em movimento com possibilidades de suspensão da vida cotidiana.

O que importa para a potencialidade criadora não é a individualidade cotidiana do criador mas elevar-se da sua “singularidade meramente particular à particularidade estética”, (LUKÁCS, 1970). A categoria da suspensão engendra objeções mas não suprime o cotidiano por completo, sendo este insuprimível. As suspensões colocam os indivíduos no âmbito humano-genérico (via homogeneização). Está contida aqui, nitidamente, uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade, após um momento criativo ou fruidor, supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, educado, justamente porque se alçou à consciência humano-genérica, (CARVALHO; NETTO, 1996).

Segundo Winnicott (1975b), a criatividade revela o que está encoberto, possibilitando ao sujeito formas estéticas de transfiguração, aberturas e revelações, tornando-se a expressão do verdadeiro eu-interior que, em contato com a realidade externa, tem sua existência fortalecida e não aniquilada. A possibilidade de criar deve se objetivar a partir daquilo que existe em fantasia e a brincadeira é a prova evidente da capacidade criadora que quer dizer vivência. O autor relaciona a criatividade ao gesto espontâneo e ao brincar em que viver de forma criativa é expressar-se de modo legítimo.

No que concerne à práxis artística, Adélia Prado aponta a importância do processo criativo de alta lapidação e elaboração e de que maneira se dá a criação na qual o inconsciente se manifesta e reverbera em vários níveis de nossa experiência individual. Ou seja, a arte é potencialmente uma experiência criativa e mediação que amplia o horizonte subjetivo de quem é tocado e isso possibilita o crescimento.

Podemos perguntar, por que este fenômeno humaniza? Por que a arte nos humaniza? Porque mostra não a aparência que já está na natureza, a coisa já está aí pra nós mas nos induz por causa da emoção que ela nos causa, ela nos induz à intimidade à alma das coisas, à nossa própria intimidade. Ela nos comove porque mexe não em nossos pensamentos mas em nossos afetos, naquilo que nós sentimos. E toda obra nos oferece um espelho, ela faz com que eu me reconheça nela, naquilo que eu estou vendo. Você diante de um livro, diante de um poema, de uma pintura. Mas meu Deus como este autor pôde tocar nisto. Eu achava que só eu sentia isso, só eu sabia disso, aí que está o equívoco e aí que mora a universalidade da obra verdadeira (PRADO, 2008, vídeo).

Lukács (1971), em sua obra “Estética”, argumenta que, na influência direta e indireta exercida pela arte sobre o sujeito, sua transformação, enriquecimento e aprofundamento são



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

elementos comuns nessa relação de fruição. O reflexo estético cria, por um lado, reproduções da realidade nas quais o ser em si da objetividade é transformado em um ser para nós do mundo representado na individualidade da obra de arte; por outro lado, na eficácia exercida por tais obras, desperta e se eleva a autoconsciência humana:

quando o sujeito receptivo experimenta – da maneira acima referida – uma tal realidade em si, nasce nele um para-si do sujeito, uma autoconsciência, a qual não está separada de uma maneira hostil do mundo exterior, mas antes significa uma relação mais rica e mais profunda de um mundo externo concebido com riqueza e profundidade, do homem enquanto membro da sociedade, da classe, da nação, enquanto microcosmos autoconsciente no macrocosmos do desenvolvimento da humanidade (LUKÁCS, 1970, p. 296).

Na teoria do reflexo, Lukács (1970, p. 289) argumenta que a obra de arte terá por tarefa específica representar o humano, o seu destino, suas manifestações. A trama de Édipo, por exemplo, provoca emoções nos espectadores ou leitores, independentemente de eles conhecerem os pressupostos históricos dessa obra. Para ele, está presente a relação humano humanidade na arte, ou seja, a representação simbólica é sempre o reflexo condensado do mundo humano.

Uma das preocupações básicas deste estudo é como potencializar processos criativos e estimular as potencialidades criativas no desenvolvimento do trabalho social. Todas as pessoas possuem potencial para viver experiências transformadoras, basta disponibilidade e abertura e não há exigência de talento específico. A potencialização da sensibilidade individual é condição para o processo criativo.

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruam sua liberdade de criação (...) É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) (WINNICOTT, 1971, p. 79-80).

Os processos criativos vinculam-se a sentimentos de amplitude e de liberdade ao preencher vazios, atenuar medos e acalmar anseios, e essas possibilidades de dar vazão a sentimentos, sensações, fantasias, pensamentos são vivências interiores.

Nem todo processo criativo é artístico, mas o criativo pode ocorrer em todas as práxis, no cotidiano, no trabalho, no estudo ou no momento de suspensão do cotidiano. A fantasia, imaginação, sensibilidade, brincar, brincadeira interior, ideias aparentemente desconexas, emoções, cores, sons, formas, conceitos, curiosidade, imagens, desconstrução do cotidiano e inconformismo são alguns elementos disparadores de processos criativos. “É preciso partir da imediaticidade da vida cotidiana, e ao mesmo tempo ir além dela para poder apreender o ser como autêntico em-si” (LUKÁCS, 2010, p. 37).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

### 3. Características da Vida Cotidiana

Assim, todos, juntos, continuavam a sua vida cotidiana,  
cada um a seu modo, com ou sem reflexão;  
tudo parecia seguir o seu rumo habitual,  
como em situações extremas, nas quais tudo está em jogo,  
e a vida continua como se nada acontecesse.  
Goethe (Afinidades Eletivas)

O cotidiano enquanto categoria é uma forma do existir. Lukács busca compreender a relação exata entre universalidade, particularidade e singularidade para determinar o lugar da particularidade na totalidade da vida social. Para ele, a vida cotidiana é o ponto de partida e o ponto de chegada de todas as objetivações humanas. O cotidiano é a esfera da objetivação no mundo em que cada um de nós participa com todos os aspectos de individualidade, corpo, cognição, sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manuais, sentimentos, personalidade, ideias, moral, ideologias, paixões, da reprodução individual na totalidade da vida social. O ser humano na cotidianidade não se realiza em toda a sua plenitude, é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p. 17).

Somos seres sociais capazes de reflexões críticas acerca de ações e pensamentos a ponto de criar interlocuções com o cotidiano, no qual o indivíduo se socializa e responde às necessidades imediatas, assimila costumes e normas, vincula-se a sociedade ao incorporar essas mediações na dinâmica voltada à singularidade (cf. BARROCO, 1996). Processos criativos na vida em sociedade podem contribuir para ações e escolhas mais livres e autônomas face ao abafamento criativo, elemento constitutivo da alienação cultural e cotidiana.

Ainda, a consciência elevada, como a memória, a awareness<sup>3</sup>, a sincronicidade<sup>4</sup> são possibilidades de suspensão do cotidiano, oportunidades pelas quais as pessoas que vivenciam essas realidades potencializadoras retornam de outra maneira. Esses processos de suspensão do cotidiano nascem a partir da afirmação das necessidades impostas pela vida cotidiana e realizam um ciclo ao retornarem a ela.

O corpo cotidiano<sup>5</sup> é delineado a partir das repetições, hábitos e condicionamentos a cada

<sup>3</sup> A awareness é um estado de sentir e estar consciente e conectado a um entendimento universal. Na Psicologia, a linha de Gestalt Terapia utiliza a awareness, como método prático terapêutico.

<sup>4</sup> A sincronicidade foi inicialmente descrita por Carl Gustav Jung e trata-se de experiência de um ou mais eventos, altamente, significativos que têm relação entre si, mas não causal; quando ele acontece é um evento suspenso ao cotidiano.

<sup>5</sup> É um termo utilizado no teatro, na performance e demais artes corporais



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

contexto cultural e histórico. O dia a dia das práticas comuns necessárias à reprodução social, como dormir, comer, vestir, andar, buscar o alimento e parar, desenha o corpo que é expressão de um determinado modo de vida. Apenas para ilustrar, no Japão, é comum deitar-se e sentar-se no chão, nos quilombos paraenses é comum apontar uma direção com os lábios, ao invés de usar as mãos e para repousar apoiam um pé no outro joelho.



Calvin e Haroldo de Bill Watterson

No teatro, várias pedagogias das artes corporais propõem o processo de treinamento físico não cotidiano e a desconstrução do corpo cotidiano. A desconstrução do cotidiano e do corpo cotidiano exigem reflexões filosóficas, ético-políticas, técnicas e corporais. Na vida cotidiana, estão presentes ações, gestos e pensamentos. A alienação no cotidiano expressa-se também no fragmento entre corpo e pensamento.

Heller (2008) aponta as seguintes características ontológicas da cotidianidade: a heterogeneidade (diferentes tarefas), a repetição acrítica (repetição mecânica), o espontaneísmo (impulsividade), o pragmatismo (funcionalidade), a ultrageneralização e o imediatismo. Pode-se compreender a vida social humana dividida em duas dimensões: a cotidiana, relacionada às necessidades imediatas de reprodução social e biológica e a dimensão não cotidiana, relacionada ao universal, aos produtos socioculturais construídos no decorrer do processo histórico da humanidade. Ao transcender as motivações cotidianas imediatas, torna-se possível o contato com a essência universal, humano-genérica.

No cotidiano dinâmico e heterogêneo, a esfera social caracteriza-se como a esfera da satisfação das necessidades biológicas e sociais imediatas do ser humano, características da espécie humana de acordo com cada contexto cultural; assim, tende-se a agir de forma

automática. Valores, crenças e preconceitos motivam e fazem parte das respostas automáticas cotidianas. Os valores morais tendem a ser interiorizados acriticamente, sem reflexão ética e constituem a alienação moral.

As relações de poder disciplinam o corpo e abafam a criatividade. Perceber os automatismos corporais e as práticas discursivas repetitivas é reconhecer a reprodução de formas alienadas da vida que agem na subjetividade do ser social e, também, a predominância de experiência que fragmenta corpo e mente.

A inflexão da voz, o olhar, a maneira como se fala, o gesto, o cansaço e a entonação na fala das pessoas podem demonstrar sutilezas não perceptíveis em seus discursos. Há, portanto, uma cultura inscrita no movimento corporal que, em última instância, são matizes do cotidiano em sua profundidade.

#### **4. Mediação da cultura e dos processos criativos para o trabalho profissional**

Vivemos em um tempo devastado pela objetividade e subjetividade do capital em meio à banalização cultural generalizada. Os humanos inseridos nessa sociabilidade aprendem a se comportar na intensidade fragmentada. A ação transformadora é ser e devir, é pensar e agir, é teleológica e é potência criadora humana.

A inquietação subjacente deste trabalho está nesse sentido: em como agir de forma não mecânica no contexto cultural de abafamento criativo, efêmero e fugaz, utilizando-se de processos criativos, como mediação do trabalho profissional vinculada à perspectiva emancipatória.

Como se viu, a suspensão da vida cotidiana pode acontecer de maneira temporária e pontual. Os processos criativos na ação profissional norteados pela teoria do ser social são constitutivos de uma prática profissional que desenvolve criatividade e criticidade como elementos inerentes à direção social da profissão voltada aos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora, em todas as dimensões da vida social. Em uma sociedade que se constitui devastadora para a humanidade, sob a lógica destrutiva do capital cabe-nos compreender a necessidade da cultura e dos processos criativos como um dos instrumentos que possibilitam o autoconhecimento, a reflexão crítica da realidade objetiva, a suspensão do cotidiano, o estímulo a potencialidade criadora, a lapidação dos sentidos.

Quando se menciona a visão crítica e a ação comprometida não quer dizer assumir a transformação social a partir da profissão, uma vez que, essa é uma tarefa histórica da classe

trabalhadora em um processo revolucionário de ruptura com a ordem burguesa. Enfatiza-se a dimensão ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa do projeto profissional com compromisso e direção social articuladas a uma perspectiva histórica emancipatória. Nesse campo profissional da particularidade, pode-se identificar conhecimentos fundamentais à humanidade e valores emancipatórios no sentido de reforçá-los e, mesmo, reproduzi-los na ação profissional.

A perspectiva aqui adotada é a de explicitar a potencialidade dos processos criativos como um dos elementos constitutivos da ação profissional no sentido de resgatar as expressões culturais das populações exploradas e oprimidas - majoritárias em nosso trabalho profissional, bem como, utilizar meios criativos na direção do Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro, de ruptura com o conservadorismo, conquistado coletivamente e construído nos últimos 45 anos.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao lidar com o mundo sensível artístico e cultural, da subjetividade e das determinações histórico-culturais dos sujeitos sociais, o Serviço Social tem possibilidades, por meio da práxis profissional, de se vincular ao projeto emancipatório. Os processos criativos como mediação do trabalho profissional em nossa perspectiva teórico-ontológica apresentam-se como possibilidades de alicerçar momentos de reflexão e suspensão da vida cotidiana.

A prática profissional da(o) assistente social é uma mediação, que se relaciona com diversas expressões de sociabilidade, de manifestações culturais e compreende a relação de totalidade da realidade concreta cotidiana. O Serviço Social é profissão inserida na divisão sócio-técnica, racial e sexual do trabalho e se relaciona com as esferas individuais, da família, dos movimentos sociais, portanto, realiza mediações no campo da particularidade e na relação com o Estado. Ao atuarem, os assistentes sociais buscam compreender as múltiplas expressões da questão social determinadas historicamente, para tanto, não basta a descrição dessas expressões, mas a compreensão geopolítica, territorial, cultural, sociohistórica das lutas e resistências contra o racismo, o etarismo, o sexismo, o etnocídio de populações originárias e afrodescendentes, bem como, das lutas anticapitalistas.

Compreender as condições objetivas e subjetivas da realidade pressupõe captá-las de maneira a desenvolver possibilidades de intervenção social a partir das necessidades sociais no contexto estrutural e conjuntural do capitalismo contemporâneo. Nesse terreno, inserem-se os

processos criativos como mediações que podem gerar estratégias e criar alternativas. O profissional, ao se utilizar de processos criativos para sua atuação, inova com a utilização de outras linguagens e caminhos e, por decorrência, encontra novos meios e estratégias.

As condições objetivas, nas quais as assistentes sociais se encontram e intervêm, são contraditórias e limitam a ação profissional, ao mesmo tempo que possibilitam o seu desenvolvimento. As esferas da vida social determinadas pela base econômica da sociedade possuem autonomia relativa, da sexualidade à economia há uma inter-relação sob o domínio do modo de produção.

A complexa dinâmica do real requer do profissional visão crítica que lhe possibilite uma compreensão da totalidade, que apreenda os limites e as possibilidades para uma ação profissional comprometida com os interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora no horizonte emancipatório.

## **BIBLIOGRAFIA**

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica – arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Documentos de Cultura – Documentos de Barbárie (Escritos Escolhidos). Seleção e Apresentação de Willi Bolle. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

BODEN, Margaret A. Dimensions of Creativity. Massachusetts Institute of Technology. USA, 1996.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant e NETTO, José Paulo. Cotidiano: Conhecimento e Crítica. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

COLI, Jorge. O que é arte. 14. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia. (Orgs.). Leituras do Corpo. São Paulo: Annablume, 2003.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Organizado por Liv Sovick. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

- HELLER, Agnes. O Homem do Renascimento. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- HELLER, Agnes. Sociologia de la Vida Cotidiana. Tradução de José-Francisco Ivars e Enric Pérez Nadal. Barcelona: Ediciones Península, 1977.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- IOSHIMOTO, Lilian Wurzba. A Dança da Alma. A dança e o sagrado: um gesto no caminho da individuação. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.
- LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. A maçã no escuro. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992
- LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- LUKÁCS, György. Ontologia do Ser Social. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- LUKÁCS, György. Velha e Nova Cultura. México: Ediciones Pasado y Presente, 1978. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm> Acesso em: 12/12/2023.
- LUKÁCS, György. Estética. Tomo I. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1967.
- LUKÁCS, György. Introdução a uma estética Marxista. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- MALLARMÉ, Stéphane. Mallarmé. Tradução de Augusto de Campo, Décio Pgnatari e Haroldo de Campos. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.
- MARCUSE, Herbert. A Ideologia na Sociedade Industrial. O Homem Unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- MARCUSE, Herbert. – Acerca del carácter afirmativo de la cultura. 1967. Disponível: [http://www.infoamerica.org/documentos\\_pdf/marcuse1.pdf](http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/marcuse1.pdf) Acesso em: 5/03/2024.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cultura, Arte e Literatura – Textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, Karl. Manuscritos Económico-Filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1992.
- MARX, Karl. A Ideologia Alemã. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.
- MARX, Karl Cap. V. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: O Capital. Seção III – Produção da Mais Valia Absoluta. Livro Vol. I. 3 ed. São Paulo: Editora Nova



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Cultural, 1988. p. 142-156.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. 1. ed. Seleção por José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974. p. 107-263. (Coleção Os Pensadores).

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977. Disponível em: <http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Criatividade%20e%20Processos%20de%20Cria%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 19/01/2024.

PRADO, Adélia Prado. O poder humanizador da poesia. Exposição no projeto “Sempre um Papo”, 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM>. Acesso em: 07/12/2023.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

TROTSKY, Leon. Literatura e Revolução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

TROTSKY, Leon. A revolução permanente. São Paulo: Expressão Popular, 2007b.

TROTSKY, Leon. O futurismo. 2007c. Disponível em: [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/ma000068.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/ma000068.pdf) Acesso em: 08/03/2024.

TROTSKY, Leon. Cultura e socialismo. In: MIRANDA, Orlando (Org.). Leon Trotski: política. São Paulo: Ática, 1981.

TROTSKY, Leon. Questões do modo de vida. A época do “militantismo cultural” e as suas tarefas. 1923. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1923/vida/> Acesso em: 15/08/2024.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Psicologia e Pedagogia. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores).

WINNICOTT, Donald Woods. A criatividade e suas origens. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975a.

WINNICOTT, Donald Woods. O Brincar: A Atividade Criativa e a Busca do Eu (Self). Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. In: WINNICOTT, Donald



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Woods. O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975b. p. 79-93.

WINNICOTT, Donald Woods. A Localização da Experiência Cultural. In: WINNICOTT, Donald Woods. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1971. (Coleção Psicologia Psicanalítica).